

# ROMANCEIRO HISPÂNICO MEDIEVAL & ROMANCERO GENERAL DE LA GUERRA ESPAÑOLA: A PERMANÊNCIA DE UM GÊNERO

Leonilda Ambrozio  
Universidade Federal do Paraná

## RESUMO

Comparação entre o romanceiro hispânico medieval e o *Romancero General de la Guerra Española* mostrando a identidade de objetivos e abordando o romance, composição em versos octossílabos, como gênero quase mítico por sua repetição através da História da Espanha.

Nosso objetivo será o de estabelecer uma comparação entre o romanceiro hispânico da Idade Média e o *Romancero General de la Guerra Española*,<sup>1</sup> procurando mostrar suas relações com a História da Espanha: a epopéia de um povo, a formação e desagregação do Estado Espanhol e as lutas pela unificação nas duas épocas. Concomitantemente procuraremos mostrar a própria Espanha como um texto, sendo lida através desses Romanceiros, como também o aspecto mítico que se percebe na repetição da história hispânica.

## O ROMANCEIRO MEDIEVAL E A FORMAÇÃO DA ESPANHA

É curioso observarmos como a concretização do romance como gênero literário realiza-se na época em que a Espanha também se organiza politicamente. Derivado das antigas canções de gesta, esta composição poética de versos octossílabos data do século XV (embora haja notícias de algumas delas no final do século XIV). Ora, é justamente este o período em que a Espanha vai se organizando após a Reconquista de Granada, último reduto árabe em território espanhol (1492).

1 ROMANCERO general de la guerra española. Org. Rafael Alberti. Buenos Aires, Patronato Hispano Argentino de Cultura, 1944.

Romance e Espanha se identificam a ponto de esta ser considerada o país do Romancero, não obstante a semente deste gênero ser comum a composições de vários países. Ramón Menéndez Pidal refere-se ao conselho de um certo viajante: para se conhecer a Espanha duas coisas são imprescindíveis: levar na mala um Romancero e um Quixote. É ainda Dom Ramón quem nos diz:

El Romancero / . . . . / por su tradicionalismo, por la cantidad de vida histórica que representa y por su multitud de reflejos estéticos y morales, es quintaesencia de características españolas.<sup>3</sup>

### ROMANCERO GENERAL DE LA GUERRA ESPAÑOLA: DESAGREGAÇÃO / UNIAO DE UM POVO

Passados quase cinco séculos, os espanhóis ainda encontraram no romance a melhor forma não só para narrar, como para conclamar e encorajar seus concidadãos para a luta durante a Guerra de 1936-1939. Isso é prova mais que evidente de quão vital permaneceu esse gênero em terras espanholas.

O Romancero General de la Guerra Española foi organizado por Rafael Alberti, em seu exílio na Argentina, em 1944. É uma amostra do que foi a emergência do romance nessa época:

Fuera de nuestro alcance han quedado miles de romances, diseminados en aquella floración de periódicos, revistas y hojas volanderas que fueron la fe de vida superior de aquellos momentos extraordinarios.<sup>4</sup>

Ai se mesclam romances de Rafael Alberti, Vicente Aleixandre, Miguel Hernández, Emilio Prados, com outros de soldados (talvez poetas também), romances escritos por mães, romances anônimos. Este Romancero está dividido conforme as frentes de luta durante a Guerra: **Romances de la defensa de Madrid. Romances del frente del Centro. Romances de los frentes del Sur. Romances del frente del Norte. Romances del frente de Extremadura. Romances del frente de Aragón. Frente de Cataluña. Romances de la Retaguardia.** E ainda: **Romances varios**, num total de 115 romances.

2 MENÉNDEZ PIDAL, R. *Flor nueva de romances viejos*. Buenos Aires, Espasa Calpe, s.d. p. 9.

3 MENÉNDEZ PIDAL, p. 36.

4 ROMANCERO general, p. 7.

Acima da criação literária estava o canto espontâneo e doloroso de uma parte do povo espanhol: os republicanos.

A Espanha achava-se mais dividida do que na Idade Média. Enquanto naquela época tratava-se de uma divisão em feudos, em 1936-1939, tratava-se de uma luta acirrada de ideologias.

Dentro dessa desagregação, causa de tanto sangue derramado, os republicanos unem-se como uma só força para combater o inimigo. Este Fragmento de carta ("encontrado en una trinchera") mostra a corrente fraternal que os ligava:

Tengo un hermano en el frente  
 que tú no conoces, madre;  
 que el hermano que ahora tengo  
 no lleva tu misma sangre.  
 Un hermano en cada frente  
 me atan más que tus dogales.  
 /...../  
 Y cerca ya de Madrid,  
 aquí, en Castilla la grande, hay  
 hay más hermanos conmigo  
 que estrella tras de la tarde.  
 Ni ellos conocen mi nombre  
 ni yo sé como nombrarles  
 Sólo el nombre del que muere  
 entre nosotros se sabe;  
 no por llorar su recuerdo,  
 pero sí por imitarle,  
 que el que por nosotros muere,  
 no muere, sino que nace,  
 y no hay hermano que caiga  
 que una espiga no levante.<sup>5</sup>

(Emilio Prados)

O que importava mais que nomes, era a união de todos na defesa da pátria:

?Su nombre? Su nombre rueda  
 sobre el estrépido ronco;  
 rueda vivo entre la muerte;  
 rueda como una flor viva,  
 siempre viva para siempre.  
 Se llama Andrés o Francisco,  
 se llama Pedro Gutiérrez,  
 Luis o Juan, Manuel, Ricardo,

5 ROMANCERO general, p. 105.

José, Lorenzo, Vicente...  
Pero no. Se llama sólo  
Pueblo Invicto para siempre.<sup>6</sup>

(Vicente Aleixandre)

## POR QUE O ROMANCE?

Sendo o tradicionalismo a sua principal característica, o romanceliro espanhol guardou não só os feitos gloriosos dos heróis hispânicos como também de heróis estrangeiros, servindo, portanto, de maneira valiosa na reconstituição da História de alguns países. Nas canções épico-líricas francesas, por exemplo, não há referência a Carlos Magno. No romanceliro espanhol, ao contrário, aparece ao lado dos heróis nacionais.

O romanceliro hispânico, entretanto, não se limitou a cantar os heróis da velha espopeia. Continuou atuante, servindo como uma espécie de registro da história. Depois dos romances históricos e carolíngios, apareceram os mouriscos e fronterços que se referiam às lutas contra os mouros na época da Reconquista.

Conforme já frisamos, a concretização do romance como gênero literário se faz paralelamente à organização da Espanha como Estado após a expulsão dos árabes. Sabemos que a unificação da Espanha já tinha sido realidade no século XI através de Cid, a figura máxima da epopeia espanhola. Sabemos, porém que a resistência árabe durou 800 anos. O século XI vê nascer o grande texto da epopeia espanhola: o *Cantar de Mio Cid*. O século XV continuará repetindo os mesmos feitos através dos *Romances de Cid*. Assim, a história de Cid e a da Espanha continuaram a ser lidas através dos romances. A Literatura (o romance) lê a realidade histórica e serve como instrumento do próprio contexto histórico. Vejamos porque:

.../ Henrique IV e os Reis Católicos mandavam seus poetas e seus músicos compor romances anunciando episódios da guerra de Granada para influenciar a psicologia popular e o ritmo dos combates.<sup>7</sup>

Esse mesmo procedimento é usado cinco séculos depois, durante a Guerra Civil Espanhola, conforme podemos verificar neste "Alarma" de José Herrera Petere:

6 ROMANCERO general, p. 56.

7 SANT'ANNA, A.R. O desemprego do poeta. In: \_\_\_\_\_. Por um novo conceito de literatura brasileira. Rio de Janeiro, Eldorado, 1977. p. 166-7.

Madrid, Madrid, a tus puertas,  
 a tus aires, a tus casas  
 el negro hocico se acerca,  
 la negra bestia amenaza!  
 Al combate, madrileños!  
 Los tiempos no son de calma;  
 huele la atmósfera a hierro,  
 el cielo azul cruzan balas,  
 retiemblan los cañonazos  
 y la tierra se levanta  
 en trágicos surtidores  
 de polvo negro y metralla.<sup>8</sup>

Três homologias verificamos em nossa comparação: Idade Média/ Guerra Civil Espanhola, Romancero/Idade Média e Romancero/Guerra Espanhola. Portanto: homologia entre História/História e História e Literatura, entre texto e contexto. A autonomia do texto literário, apregoada sobretudo pelos estruturalistas, não faz sentido no caso do Romancero. O romance é história em forma poética. É apelo dito com ritmo. É passado fazendo-se presente pela repetição. É, como no caso dos romances da Guerra Espanhola, o presente repetindo o passado.

### MITO/HERÓI

Para ilustrar a homologia entre romancero hispânico e **Romancero General de la Guerra Española** abordaremos somente uma retomada de tema: a presença do herói que se mitifica através da palavra. Para Claude Lévi-Strauss:

A substância do mito não se encontra nem no estilo, nem no modo de narrar, nem na sintaxe, mas na estória contada. O mito é linguagem, mas uma linguagem que trabalha em um nível muito elevado, onde o sentido chega, se podemos exprimir-nos assim, a decolar do fundamento lingüístico sobre o qual ele começou por rolar.<sup>9</sup>

Esta definição nos faz reflexionar sobre o próprio romance. Existindo através de milhares de versões, a substância da estória ou da história permanece a mesma. Um romance espanhol pela Península Ibérica, pela imensa América Latina, conservado de maneira fiel pelos sefarditas, num

<sup>8</sup> ROMANCERO general, p. 18.

<sup>9</sup> LÉVIS-STRAUSS, C. A estrutura dos mitos. In: ————. Antropologia estrutural. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975. p. 242.

gesto de profundo arraigo à terra, não seria ele próprio quase como um elemento mítico?

Tomando como elemento de referência a figura de Rodrigo Díaz de Vivar, reconhecido até pelo inimigo como Cid (Senhor), comprovamos a homologia entre a criação poética e o contexto histórico dentro do Romanceliro. Figura central dentro dos cantos épicos, teatro, poesia lírica, romances, tanto na literatura espanhola como na estrangeira, foi ele também, segundo Menéndez Pidal, "objeto de la primera biografía escrita en la literatura hispanolatina".<sup>10</sup> Ao lado desse registro literário, a História lhe concede um lugar especial, o que não acontece a outras figuras épicas. Fato curioso é que foi historiado pelo próprio inimigo. Ben Assam, historiador árabe, assim se refere ao Cid: "Rodrigo — Maldígallo Dios — vio sus banderas favorecidas por la victoria, y con un pequeño número de guerreros aniquiló ejércitos numerosos"<sup>11</sup> Cid não é um herói criado pela fantasia. Sua história se faz a partir de sua própria vida, sem interferência do sobrenatural (como ocorre no caso de Roland, por exemplo). Há harmonia entre a História e a poesia com respeito a sua figura:

La Historia y la Poesía — se entiende, la historia lealmente documentada y la poesía primitiva — muestran una rara conformidad caracterizadora, y eso que no hay héroe épico más iluminado por la historia que el Cid. Es más: frecuentemente sucede que el carácter real del Cid es de mayor interés poético que el de la leyenda. Esta realizó mucha poesía, pero dejó sin beneficiar muchos otros filones poéticos, que la vida real nos ofrece en la forma nativa e impura con que las bellezas naturales se dan.<sup>12</sup>

A figura de Cid repousa mais no épico que no mítico. Foi um herói humano, com suas fraquezas e limitações. Através da dicotomia VIDA / MORTE observamos, porém, a essência mítica que envolve a sua história.

A morte por uma causa transforma-se em vida. O herói morre para transformar-se em um mito. Cid, embora morto, atado a seu cavalo, ganha sua última e decisiva batalha contra os árabes. Transformado em símbolo de lealdade e dedicação a uma pátria, seu nome é retomado no momento de conclamar a juventude do século XX para a luta:

10 MENÉNDEZ PIDAL. R. *El Cid campeador*. Buenos Aires. Espasa Calpe. 1951. p. 14.

11 MENÉNDEZ PIDAL. *El Cid campeador*. p. 22.

12 MENÉNDEZ PIDAL. *El Cid campeador*. p. 18.

Si el Cid volviera a clavar  
 aquellos huesos que aún hieren  
 el polvo y el pensamiento,  
 aquel cerro de su frente,  
 aquel trueno de su alma  
 y aquella espada indeleble,  
 sin rival sobre su sombra  
 de entrelazados laureles,  
 al mirar lo que de España  
 los alemanes pretenden,  
 los italianos procuran,  
 los moros, los portugueses,  
 que han grabado en nuestro cielo  
 constelaciones crueles  
 de crímenes empapados  
 en una sangre inocente,  
 subiera en su airado potro  
 y en su cólera celeste  
 a derribar trimotores  
 como quien derriba mieses.<sup>13</sup>

(Miguel Hernández)

O modelo de Cid deve encorajar o homem moderno. Seu procedimento, mais que um exemplo, é certeza de vitória. Daí seu caráter mítico:

O mito garante ao homem que o que ele se prepara para fazer já foi feito, e ajuda-o a eliminar as dúvidas que poderia conceber quanto ao resultado de seu empreendimento. Por que hesitar ante uma expedição marítima, quando o Herói mítico já a efetuou num tempo fabuloso? Basta seguir o seu exemplo.<sup>14</sup>

Tanto no caso da Idade Média como no moderno, da Guerra Espanhola, o herói tenta transformar o Caos em Cosmos, a desordem em organização. Se o primeiro conseguiu, por que não segui-lo?

A luta repete-se no mesmo espaço geográfico e mítico (Ay, España de mi vida! / Ay España de mi muerte! — Miguel Hernández). A dicotomia religiosa Cristianismo/Islamismo dá lugar à dicotomia ideológica: fascismo/comunismo. O “airado potro” de Cid transforma-se em trimotores,

13 ROMANCERO general, p. 255.

14 ELIADE, M. Grandeza e decadência dos mitos. In: ————. Mito e realidade. São Paulo, Perspectiva, 1972, p. 125.

as espadas em fuzis e canhões. Os novos heróis também morrem e revivem através de seu exemplo. O herói integra-se novamente à terra e esta fecundará a semente de seu patriotismo. É o que nos diz este "Romance dedicado a Hans Beimler: muerto heroicamente durante el sitio de Madrid":

Dicen que vas muerto, hermano;  
pero tu vida no acaba  
porque se sequen tus venas  
y se hiele tu garganta

.....  
No es esto morir, hermano,  
sino dar vida y hallarla;  
que la muerte cuando es muerte,  
de la tierra nos separa,  
y tú te quedas con ella,  
roja semilla que aguardas,  
para crecer con la espiga  
que hoy defienden nuestras balas.<sup>15</sup>

(Emilio Prados)

O herói sobrevive através da palavra poética. A exaltação de sua coragem faz com que os novos lutadores assumam a sua valentia. Sua morte deixa de ser morte, sua vida repete-se em outro corpo. Vejamos o romance "Pérez Mateo":

Camarada, tú no has muerto:  
el cuerpo dejó un vacío,  
pero tu vida cortada  
persiste en nosotros mismos.<sup>16</sup>

(Felipe Ruanova)

Englobando as características de um povo, como Cid engloba, por exemplo, a Espanha Medieval (cavalheirismo, lealdade ao Rei, religiosidade), vemos que o herói não pode morrer, posto que ele é o próprio povo:

José no murió, Miradlo!  
Resucitado; no ha muerto!  
Que no murió; como no  
morirá jamás el pueblo!

(Vicente Aleixandre) <sup>17</sup>

15 ROMANCERO general, p. 47.

16 ROMANCERO general, p. 53.

17 ROMANCERO general, p. 85.

## LORCA, UM MITO

A mesma imortalidade referida aos heróis da Guerra Civil (Hans Beimler, Pérez Mateo, Cabo Coll, Buenaventura Durruti) é atribuída também a Federico García Lorca: "No te mataron que no / pudieron cerrar tus ojos" (Beltrán Logroño)<sup>18</sup>

Lorca aparece como uma figura de intercessão. Por sua resistência ao franquismo, vai ser tomado como um novo Cid. Mártir desse momento histórico, sua mitificação dar-se-á através da palavra: "Ay García Lorca, el poeta / el más poeta de todos" (Beltrán Logroño).<sup>19</sup>

A intertextualidade que observamos no poema de Beltrán Logroño (retomada do *Romancelro Gitano*), nos mostra a permanência, a sobrevivência da palavra do Poeta em plena Guerra. Condenando a sua morte, Logroño mostra a não-morte de-sua palavra poética. A inserção do texto lorqueano no texto de um romance a ele dirigido, segundo a concepção de Mikhail Bakhtine,<sup>20</sup> permite que aquele seja situado em outro momento histórico. Dessa maneira, Logroño traz Lorca para a Guerra ao reescrever o seu texto. É repetida a crítica a um sistema. A diacronia transforma-se em sincronia. O emprego do verbo no tempo presente, dentro dessa intertextualidade, confirma a sincronia:

Tus romances, como lluvia  
de descabalados toros,  
corren por los olivares,  
naranjaes y rastrojos,  
o se levantan al cielo  
como bandadas de tordos,  
ya picando a las estrellas,  
ya bebiendo en los arroyos.<sup>21</sup>

## A PERMANÊNCIA

A retomada do romance durante a Guerra Civil Espanhola foi a retomada (conscientização) do próprio espírito espanhol. Vivendo a Espanha uma época de crises intensas, de ordem interna e externa, sendo ameaçada não só pelo estrangeiro, como pelos seus próprios filhos, era natural que fosse resgatado nos seus cantos de guerra o gênero que mais se identificasse com o povo e com a própria Espanha: o romance. A epopéia feita pelo povo tinha que ser cantada, não atra-

18 ROMANCERO general, p. 131..

19 ROMANCERO general, p. 131.

20 KRISTEVA, J. Introdução à semanálise. São Paulo, Perspectiva, 1974. p. 62.

21 ROMANCERO general, p. 133.

vés de cantos épicos ou de teatro, mas através de um gênero que chegasse diretamente a ele e cujo efeito psicológico no sentido de apelo à luta fosse de efeito mais imediato.

Tomando o romance como gênero quase mítico, por sua repetição através dos tempos e por sua retomada num momento difícil da história da Espanha, concluímos que ele registrou a história do povo espanhol. Espanha, como um texto histórico, foi escrita e lida através do Romancelro. Como um local mítico, a Espanha Moderna repetiu os feitos ocorridos na Idade Média. Daí a relação entre o romancelro hispánico medieval e o *Romancelro General de la Guerra Española*. Neste sentido, o Romancelro é a História da Espanha.

### RESUMEN

Comparación entre el romancelro hispánico medieval y el *Romancelro General de la Guerra Española* mostrando la identidad de objetivos y abordando el romance, composición en versos octosilabos, como género casi mítico por su repetición a través de la Historia de España.

### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- 2 KRISTEVA, Júlia. *Introdução à semiótica*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- 3 LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.
- 4 MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. *El Cid campeador*. Buenos Aires, Espasa Calpe, 1951.
- 5 ————. *Flor nueva de romances viejos*. Buenos Aires, Espasa Calpe, s.d.
- 6 ROMANCERO general de la guerra española. Org. Rafael Alberti. Buenos Aires, Patronato Hispano Argentino de Cultura, 1944.
- 7 SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Por um novo conceito de literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Eldorado, 1977.